

NOIGRANDES, NONADA, ZETETIKÉ

Joaquim Brasil Fontes*

"Tomarei todas as medidas para descobrir o assassino do filho de Lâmbdakos!"

Quem pronuncia esta frase, numa tragédia de Sófocles, é Édipo, que está a procura do assassino de Laio, filho de Lâmbdakos. Para expressar a idéia de "investigar", "fazer uma pesquisa", "partir em busca de", ele usa o verbo grego ζητέω (dzētēō), cognato do nosso **dzētētiké**. Conhecemos, todos nós, o resultado da sinistra enquête: examinando pistas, interrogando signos e seguindo índices, Édipo descobre que Laio é seu pai, do qual ele próprio é o assassino.

O verbo dzētēō faz parte, portanto, do léxico dos trágicos, mas também do vocabulário da investigação (policial, científica, acadêmica). Diante de tantas incertezas, é com cautela e com ceticismo quanto aos resultados que me embrenho neste perigoso caminho, para, sem método, responder a um pedido de Antonio Miguel, editor de ZETETIKÉ: *"escreva alguma coisa sobre o título de nossa revista"*.

Como adjetivo, essa palavra pertence a uma categoria gramatical antigamente chamada de triforme, pois

apresenta três formas: uma para o masculino: dzētētikós ("apto para indagar"); uma para o feminino: dzētētiké ("apta para indagar") e, finalmente, outra para o neutro: dzētētikón (não existindo, em português, o gênero neutro, poderíamos traduzir por "sagaz para inquirir").

Com este sentido, a palavra aparece nos velhos autores gregos, como Platão.

Em Aristóteles (Política, 2, 6, 6), o substantivo tò dzētētikón é a pesquisa e hoi dzētētikoi são, em Diógenes Laércio, os pesquisadores (9,7). O mesmo escritor utiliza essa palavra para nomear os filósofos conhecidos, hoje, por cétricos (ou cépticos, como preferem os portugueses). Às vezes, ele emprega o termo he dzētētiké para designar a própria doutrina, o ceticismo (ou cepticismo), isto é, o ensino daqueles que examinam e duvidam.

Neste ponto da pesquisa, já posso levantar algumas hipóteses para explicar o título da revista:

* Professor Livre-Docente do Departamento de Metodologia de Ensino da FE/UNICAMP.

- a) Trata-se do adjetivo dzētētikē (em sua forma feminina, portanto), escolhido para homenagear a grande matemática neoplatônica Hypatia, mártir da pesquisa, morta pelos cristãos, no ano 415 de Nosso Senhor, em Alexandria, quando "ainda apta para indagar", e pressuposta na capa.
- b) Se aceitarmos a ablação edipiana do artigo (he), o título refere-se ao Ceticismo ou Cepticismo, numa clara alusão ao fato de que, homens rigorosos quando se trata de números e cálculos, os matemáticos também duvidam e hesitam, depois de muito examinar.

Estava pronto para fechar a enquête, quando me perguntei: "onde teriam nossos amigos encontrado a palavra Zetetiké, assim mais ou menos transliterada?" Minha intuição (que é meu único método ou caminho) levou-me ao inevitável (e nem sempre bom conselheiro) **Novo Dicionário Aurélio**. Ali encontro o verbete Zetética:

ZETÉTICA. [Do grego zetetiké (subentendendo-se techné: Arte de procurar).] Método de investigação, etc, etc.

Subentendendo-se... O **Aurélio** refere-se, portanto, à tékhne dzētētiké ou à arte zetética. Trata-se, pois, do adjetivo, em sua forma feminina. É verdade que dzētētikē, assim isolado,

soa estranho, em grego. Por isso, vai aqui uma sugestão de uma pessoa que aprecia um dzētēmátion, isto é, uma questãozinha, ou questão sem importância, ou questiúncula: por que não mudar o título, optando-se pelo vernáculo ZETÉTICA e, sobretudo, corrigindo-se a grafia do grego: ζητητική? Lembremo-nos de que a tékhne poiētiké, de Aristóteles, é conhecida, classicamente, em português, como POÉTICA...¹

Em tempo: revisando o texto que acabo de escrever, ocorre-me uma dúvida: por que não deixar tudo como está? Há palavras misteriosas, que são capazes de gerar poesia pura. Assim, NOIGRANDES, o único termo que não conseguimos decifrar nos códices provençais. Mas ele incendiou o imaginário de um grupo de poetas brasileiros. Assim, NONADA, que inaugura Grande Sertão: Veredas, vocábulo (ou sintagma?) sobre o qual ainda hoje discutem os especialistas. Assim, os signos chineses, egípcios, gregos, latinos, provençais, que pontuam os Cantos de Pound: puros significantes, em torno dos quais brilha, tensa, uma inquietante rede de significados possíveis.

Por que não juntar a essa constelação o nosso ZETETIKÉ, com sua grafia híbrida e seus incertos significados? Teríamos, desta maneira,

a possibilidade de forjar um pequeno trecho pseudopoundiano:

*Ele se consumia num clima de
dúvidas,
ouvindo o murmúrio das
velhas ondas
cor de vinho
(Cético quanto a tudo isso,
alguém procurava a vida)
ouvindo o canto, o conto:
smaragdos, chrysolitos,
augustus mathematicus!
Olhos flutuando no escuro
oceano,
NOIGRANDES, NONADA,
ZETETIKÉ.*

¹ **Nota dos Editores.**

O processo de busca de um nome para a revista do CEMPEM sempre foi acompanhado pela intenção de que ele pudesse expressar, de algum modo, o espírito que gostaríamos de ver presente no material divulgado por ela, isto é, que os artigos refletissem um compromisso com a pesquisa e com a investigação em Educação Matemática. Nesse sentido, quando líamos com outros propósitos um trecho da obra de François Viète, "*Introdução à Arte Analítica*" (In *Artem Analyticem Isogoge*), contido no *Psicogênese e História das Ciências* de Jean Piaget e Rolando Garcia, uma palavra chamou-nos a atenção pela sua capacidade de traduzir aquilo que vínhamos procurando: **zetética**.

Embora Viète, ao utilizar a expressão "arte

zetética" com o significado de análise tendo em vista a determinação de grandezas incógnitas, estivesse se movimentando em um contexto exclusivamente matemático, revelava ter consciência da origem grega da palavra quando assinalava que a arte analítica, ou mais propriamente, que a análise zetética ou teórica - para distingui-la de um outro tipo de análise, denominado porística ou problemática - consista em "*considerar a coisa procurada como estabelecida e prosseguir sucessivamente até uma verdade que seja incontestada*" (PIAGET e GARCIA, *Psicogênese e História das Ciências*. Lisboa, Don Quixote, 1987, p. 141).

Mas, se é certo que entre os gregos a palavra aparece tanto num contexto propriamente matemático quanto em outros contextos, como nos mostra o artigo do professor Joaquim, não sabemos se ela se originou dentro de um contexto matemático para depois ser utilizada em outros contextos ou se foram os matemáticos que a tomaram de empréstimo de outros contextos, nos quais "zetética" tinha algo a ver com a investigação, o inquérito, com a arte da busca e da procura.

A nossa intenção foi, portanto, utilizar a expressão em grego correspondente a "arte zetética" como o fez Viète.

Porém, cometemos a impropriedade, já assinalada pelo autor, de usar a transliteração apresentada pelo Aurélio e, em seguida, convertê-la "letra a letra" para o grego, resultando a híbrida ζεττικε.

Apesar da impropriedade, resolvemos acatar a sugestão do autor conservando o título original da revista.

